

# Entrevista à Profa. Dra. Flávia Obino Corrêa Werle Vice-Presidente da Sociedade Brasileira de Educação Comparada

Interview with Prof. Dr. Flávia Obino Corrêa Werle  
Vice-President of the Brazilian Society of Comparative Education

Entrevista a la Profa. Dra. Flávia Obino Corrêa Werle  
Vicepresidenta de la Sociedad Brasileña de Educación Comparada

Flávia Obino Corrêa Werle<sup>1</sup>



Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Mestre em Administração de Sistemas Educacionais e Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professora Titular da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), atuando no Programa de Pós-Graduação em Educação. Professora Emérita da UNISINOS. É Vice-Presidente da Sociedade Brasileira de Educação Comparada (SBEC). Membro fundador da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE) e da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE), também é participante e associada da Associação Nacional de Política e Administração da Educação (ANPAE) e participante da Red de Investigación de Educación Rural (RIER).

**RESUMO:** No âmbito da celebração dos 40 anos da Sociedade Brasileira de Educação Comparada (SBEC), a Revista Brasileira de Educação Comparada entrevista a Professora Doutora Flávia Obino Corrêa Werle, enquanto Vice-Presidente da SBEC.

**Palavras-chave:** Educação Comparada. Campo de pesquisa e identidade. Avanços, crítica e disseminação.

**ABSTRACT:** As part of the celebration of the 40th anniversary of the Brazilian Society of Comparative Education (SBEC), the Brazilian Journal of Comparative Education interviews Prof. Dr. Flávia Obino Corrêa Werle, as Vice-President of the SBEC.

**Keywords:** Comparative Education. Research field and identity. Advances, critique and dissemination.

**RESUMEN:** En el marco de la celebración del 40 aniversario de la Sociedad Brasileña de Educación Comparada (SBEC), la Revista Brasileña de Educación Comparada entrevista a la Profesora Flávia Obino Corrêa Werle, como Vicepresidenta de la SBEC.

**Palabras clave:** Educación Comparada. Campo de investigación y identidad. Avances, crítica y difusión.

**40 ANOS**

1983-2023



S B E C

**SOCIEDADE  
BRASILEIRA DE  
EDUCAÇÃO  
COMPARADA**

<sup>1</sup> ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5795-2537>

**RBEC:** Professora Flávia, quando a gente pensou em convidá-la para fazer entrevista, tivemos que fazer uma recuperação histórica da construção do campo e da teoria e da crítica da Educação Comparada no Brasil. Então tivemos vários protagonistas neste caminho. E um dos protagonistas que tem uma trajetória marcante no campo da Educação Comparada é justamente você, porque quando mapeamos conteúdo, vê-se a presença, não somente física, mas a presença nos eventos, nos debates, nos conteúdos produzidos. É por esse motivo que nestes 40 anos da Sociedade Brasileira de Educação Comparada, desde 1983 para cá, nossa intenção de recuperar a história também é de recuperarmos a presença. Por isso a temos aqui com muita honra. Então, eu te agradeço por aceitar nosso convite, para falar conosco sobre tua trajetória na Educação Comparada.

**Flávia Werle:** Eu te agradeço essas referências, mas na verdade eu não tenho grande produção especificamente, dentro da Educação Comparada, até porque, lembras daquele trabalho que a Marta e eu fizemos revisando periódicos nacionais e como a Administração Comparada se localizava dentro dos periódicos nacionais. Naquela ocasião, nós não tínhamos nenhum periódico que era dedicado especificamente à Educação Comparada. Eu lembro que Marta Luz Sisson de Castro, quando exerceu a presidência da SBEC, queria criar uma revista brasileira que tratasse especificamente de Educação Comparada. Mas eu vejo que foi na tua administração que realmente se conseguiu dar esta marca importante da SBEC, contribuindo com um periódico específico de Educação Comparada aqui no Brasil. Eu acredito que isso vai, de alguma maneira, trazer bons frutos em termos da constituição do campo da Educação Comparada.

Particpei da Comissão Organizadora de vários encontros internacionais da SBEC, por exemplo, do ocorrido em 1999, quando o presidente da SBEC era o Professor Bob Verhine. Quem coordenou naquela ocasião o evento foi o Egídio Schmitz, que atuava na Unisinos, a Marta Luz Sisson de Castro da PUCRS e eu, que, na ocasião, trabalhava na PUCRS e na Unisinos. Foi um evento presencial com duração de quatro dias, com 20 horas de duração, ocorrendo de 27 a 30 de outubro de 1999, parte nas dependências da PUCRS e parte na Unisinos. O evento constou de mesas redondas, conferências e grupos de trabalho, e os certificados de participação foram expedidos pela Pró-Reitoria de Extensão da PUCRS. A temática central do referido evento foi *Educação Comparada na Perspectiva da Globalização e Autonomia*. Naquela ocasião a palestra de abertura do evento foi proferida pela Dra. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva da UFSCAR, que discutiu o tema considerando questões de diversidade. Participaram do evento pesquisadores e especialistas de países da América Latina, quais sejam: Juan Carlos Campbell Esquivel, da Universidade Católica de Valparaíso (Chile); Suzana Vior (Argentina); Ana Maria Schmidt (Argentina); Beatrice Avalos, do Ministério da Educação do Chile; Rodrigo Arocena, da Universidad de la Republica do Uruguay. Várias pesquisadores brasileiros participaram do evento, como Marília Morosini da ULBRA, Sônia Nogueira da UENF, Ático Chassot da Unisinos, Kátia Freitas da UFBA, Jacira da Silva Camara da UCB, Mabel Tarré de Oliveira, dentre outros.

Em 2003, quando o Dr. Robert Verhine era também presidente da SBEC, realizou-se na PUCRS, nos dias 10 a 12 de novembro, um Encontro Internacional da SBEC, com duração de 20 horas, o qual foi coordenado pela doutora Marta Luz Sisson de Castro, da

PUCRS, cujo tema central foi *Construindo a Identidade Latino-Americana*. Este evento também foi presencial, realizado integralmente nas dependências da PUCRS. Este evento foi organizado com palestras, debates em grupos, lançamentos de livros, apresentações musicais, e mesas redondas.

Uma das mesas redondas, cujos debates renderam perspectivas inovadoras, foi a que teve como título *Resistência e criatividade: novos espaços e possibilidades*, da qual participaram representantes do Instituto África América, da Fundação Pensamento Digital e do Comitê para a Democratização da Informática, bem como do Instituto THEMIS.

Esses exemplos de eventos promovidos pela SBEC em parceria com Instituições de Ensino Superior indicam o quanto a SBEC inovava a cada evento em formato e temáticas a serem discutidas. Mas, na verdade, do meu ponto de vista ao menos, isso demonstra que a academia problematiza temas e a partir desses vai construindo a sua investigação, problematizando, buscando elementos teórico-metodológicos para dar conta do problema que investiga.

Uma outra abordagem que considero relevante para a disseminação e fortalecimento da Educação Comparada é a valorização de comparações intranacionais, intrarregionais e entre instituições, não necessariamente entre sistemas educacionais nacionais.

Na minha experiência de pós-graduação, os candidatos, nos processos seletivos para os Programas de Pós-Graduação, já vêm com algum foco de pesquisa, e este foco de pesquisa os estudantes elaboram a partir da sua experiência e do seu conhecimento da escola, da educação no seu local de origem, construir ao longo do curso, da própria formação de pós-graduação.

**RBEC:** Pode ser, Flávia, que a Comparação tenha, nos últimos tempos, sido induzida por

uma forte tendência a internacionalizar as pesquisas, ou seja, grupos de pesquisa fomentam a recepção de trabalhos na pós-graduação que se vinculam a abordagens internacionais de algumas questões locais como por exemplo as grandes transformações que há na avaliação, as transformações que há no currículo, os problemas que aqui na América Latina se vê sobre o financiamento público, ou seja, algumas grandes questões parecem ser o que suscita a Comparação, mas por um movimento internacional que há na Universidade de forçar a internacionalização.

**Flávia Werle:** Sim, inclusive a partir do próprio protagonismo desses organismos internacionais, como a OCDE, que é um dos mais ativos e conhecidos organismos internacionais. Inclusive, na busca para discutir a questão da Educação Comparada, eu estava consultando uma coletânea que o Hégio Trindade e Jean-Michel Blanquer, organizaram que se chama “Os desafios da Educação na Latina” (Trindade & Blanquer, 2002). Um dos colaboradores dessa coletânea é Pablo Berchenko, da Universidade de Provence (França), o qual escreve o capítulo intitulado “A política da União Europeia e da Espanha no domínio da educação e cultura na América Latina” (Berchenko, 2002), mostrando como a Comunidade Europeia, num certo período, “pretendia instituir-se como paradigma de integração regional latino-americana, através da formação das camadas dirigentes da região” (Berchenko, 2002, p. 313). O autor demonstra que a Espanha, principalmente, tem essa presença marcante, isso mais recentemente. Então essa questão de regiões também, por exemplo, esse artigo que te falei fala de “União Europeia”, que é uma região e, ao mesmo tempo, é algo bastante recente em termos internacionais. Nós temos também a questão do Mercosul e dos Países Andinos. Enfim, várias outras formas de designação de parcerias entre países

têm surgido e repercutem na educação, bem como em estudos comparativos.

**RBEC:** Pode-se dizer que a OCDE e organismos internacionais, em algum momento, induzem comparações ou incentivam pesquisadores a se interessar por exercícios comparativos? Queria lembrar algo de um trabalho interessante que deve ter se perdido. É uma tradução que você fez sobre os indicadores da OCDE. Era um quadro comparativo dos indicadores da OCDE que vinculava não apenas o caráter de sistemas, senão outras variáveis que era a formação de professores, qualificação de professores, situação social dos alunos e que implementava na comparação. Eu lamento muito, porque eu não sei onde foi parar este quadro. Era um material muito bom, que você fez na Universidade de Córdoba.

**Flávia Werle:** Eu lembro desse momento e, enfim, eu considero que sim, principalmente esses levantamentos internacionais e processos de avaliação que estão por trás. Vamos dizer assim movimentando tais levantamentos e promovendo esses levantamentos internacionais de alguma maneira levam ao processo comparativo entre países. Por outro lado, está também presente a ideia de inovação, de modernidade, de fazer alguma coisa que transforme os sistemas educativos, que os tornem mais modernos, pelo menos numa visão bastante comercial e produtivista.

**RBEC:** Flávia, quando a gente olha para o campo da Educação Comparada, pela produção pelo que você observa na pós-graduação de uma forma geral, é possível dizer que, no campo da Educação Comparada, nós tenhamos avançado em termos de discussões metodológicas, que tenhamos cada vez mais trabalhos caminhando na ideia de citar um grupo de teóricos? Um grupo de especialistas que recorrentemente veem os estudos comparativos que fazem os alunos? E isso, em alguma medida, é

como se tivéssemos criado um repertório. Você consegue perceber isso às vezes nas orientações ou nas próprias bancas?

**Flávia Werle:** Considero que nós estamos no momento histórico de que a pressão, em termos de internacionalização dos programas de pós-graduação, leva a esse olhar internacional. Olhar para os outros e não apenas para o local, olhar para o global, para a realidade de outros países. Entretanto, mergulhar na cultura dos diferentes países é bem mais difícil. Por isso, vários teóricos dentro da Educação Comparada comentam a importância das visitas, do conhecimento concreto, que o acadêmico tem que ter na medida em que ele quer estudar diferentes países. Entretanto, o que eu vejo, em termos brasileiros, é que nós temos pouco apoio financeiro para que os estudantes façam essa imersão cultural.

**RBEC:** Imersão, essa é a palavra. Eu estava para dizer isso. São os processos de imersão, Flávia, que favorecem melhores exercícios interpretativos no método. Ou seja, podemos ter um arsenal de descrição, um arsenal de dados descritivos como é o método, mas a imersão, ou seja, ir para o espaço, acaba criando uma perspectiva muito salutar de interpretação. É aí que justamente a gente consegue fazer uma comparação de toda plenitude.

**Flávia Werle:** Entretanto, o que eu vejo é que um país como o Brasil, tão imenso, com tanta diversidade, é bastante difícil, mesmo que uma pessoa venha fazer uma imersão no país, é bastante difícil que ela consiga aprender a cultura de cada local, até porque a ideia de sistema de ensino parece alguma coisa que padroniza, que está disseminado em todo e qualquer lugar. Entretanto, há muitas características específicas, desde sistemas de ensino locais.

**RBEC:** Flávia, quando a gente fala sobre a produção, retomando as pesquisas de Marta, ela começou a visitar grandes

acervos e a localizar pesquisas comparativas, um trabalho muito bom. Eu me lembro que é a construção do campo também, a produção científica em estudos comparativos, ganhou um volume e alguns pesquisadores falam que falta conexão entre o que se pesquisa numa dimensão e, de outro lado, se fala que é necessário também as publicações atinjam outros patamares. Como você vê essa questão?

**Flávia Werle:** Eu preciso esclarecer, Luis, que trabalhei juntamente com a Marta Sisson de Castro no mapeamento da produção a respeito do tema gestão comparada, vasculhando periódicos nacionais. Fizemos uma revisão de literatura em relação à Educação Comparada e outros temas. Inicialmente, o projeto analisava a produção científica brasileira, publicada no período 1982 a 1994, depois, em continuidade, um segundo projeto de pesquisa, analisamos a produção de 1995 a 2000. Cito um artigo síntese que escrevemos (Castro & Werle, 2004), intitulado "Estado do conhecimento em administração da educação: uma análise dos artigos publicados em periódicos nacionais (1982-2000)". Em termos de Educação Comparada, eu identifico que houve avanço no campo, mas eu não consigo, neste momento, quantificar e te dar maiores detalhes com relação à produção em Educação Comparada. Eu acho que, em termos de avanços, em termos de teorização e metodologia comparada, mapear a produção científica publicada a respeito de educação comparada, por quem, em que data, em qual periódico, é fundamental. Em termos da constituição do campo de estudos em Educação Comparada, há que considerar o papel da UNESCO, que tem disseminado autores de renome internacional no Brasil, em língua portuguesa, sobre o tema da Educação Comparada.

Nesse sentido, nós temos, no caso, o próprio Carlos Monarcha, pesquisador da

UNESP, mais próximo de ti, que fez uma edição junto com o Ruy Lorenço Filho, intitulada *Educação Comparada*, acerca das ideias de Manoel Bergström Lourenço Filho em relação à Educação Comparada (Lourenço Filho, M. B., 2004). Então, nós temos alguns pesquisadores nacionais que avançam em termos de esforço acadêmico de socialização do conhecimento já produzido e de contribuição no acúmulo de conhecimento para que o campo da Educação Comparada e da crítica à Educação Comparada se consolide. Do meu ponto de vista, nós avançamos na construção da identidade da Educação Comparada como campo de pesquisa. Eu acho que sim, que avançamos. Entretanto, parece-me que há muito ainda a fazer, até porque aquela, vamos dizer assim, aparente rejeição que algumas pessoas que fazem diálogos internacionais apresentam ou expressam que não se sentem identificadas com a Educação Comparada, não são comparatistas, de acordo com a sua própria compreensão de si mesmos.

**RBEC:** Uma questão importante, Flávia, essa que você levanta, porque acontece, por exemplo, no campo da análise da política e logo retornaremos à Comparação. Por exemplo, as pessoas fazem análise de política com distintos referenciais teóricos, mas não se reconhecem como analistas. Elas se chamam pesquisadores e o campo da análise da política é um campo enorme do ponto de vista histórico. Ele começa quase no final dos anos 50 e tem crescido enormemente, mas as pessoas estudam, não recuperam o acervo teórico da análise, são analistas, mas não se reconhecem como tais. E, no campo da Educação Comparada, parece acontecer um fenômeno semelhante, como você mesma disse. Elas não se reconhecerem como comparatistas e terem um grau de produção que pode ir no sentido disso. Uma pergunta que nós fazemos sempre é se há uma espécie

de temor de se reconhecer como comparatista, em termos de identidade, e eu acredito que deve ser, em parte, um pouco de desconhecimento e, em outra parte, um pouco de preconceito com o estilo de comparar, que já mudaram ao longo da história destes 40 anos. A Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL) deixou de fazer estudos comparativos, como fazia a UNESCO, e os enriqueceu com dados sociais. Então, às vezes, parece que, na formação da identidade dos comparatistas, estivesse presente um pouco de sua história mal contada, de como se fazia comparação antes, como que se faz agora e, também, se reconhecerem como pesquisadores, como comparatistas, ou como pessoas que trabalham com comparação.

**Flávia Werle:** Do meu ponto de vista, as pessoas se identificam muito mais com a temática ou a problemática que estão estudando, a respeito da qual estão produzindo, do que propriamente com a questão metodológica. Talvez seja a insuficiência metodológica em diferentes campos como tu mesmo falaste. Faz análise de políticas e não se identifica como analista de políticas, embora, o caso aqui discutido seja Educação Comparada que agrupa pesquisadores e possui associações nacionais e internacionais.

**RBEC:** Flávia, nós já falamos sobre a questão da identidade, já falamos sobre a importância do repertório teórico metodológicos e quando a gente pensa nos desafios da Educação Comparada nesse contexto que é muito novo. Antes de 2019 era um contexto que tinha desafios, mas parece que esses desafios começam a ser muito maiores, porque, depois da pandemia, há coisas que nós acabamos descobrindo comparativamente. Como é possível ler este tempo como desafio para a Sociedade Brasileira de Educação Comparada, para os pesquisadores? É um tempo novo que está

superando inclusive a própria agilidade de pesquisar.

**Flávia Werle:** De meu ponto de vista, as novas tecnologias têm um papel muito importante. A alteração do ambiente sociocultural e tecnológico em que a educação é realizada. Então essas novas tecnologias impactam a educação, assim como a vários campos do saber; tanto é que nós dois não precisamos estar realmente frente a frente para realizar essa entrevista. A própria Web contribui muito para esse novo tempo e, enfim, eu acho que realmente é um desafio porque, do meu ponto de vista, nós temos que falar em sistemas educacionais de um país. Um país não tem um único sistema educacional, ele tem  $n$  sistemas educacionais dependendo da sua forma de estruturação político-administrativa. Nós aqui, inclusive com os municípios e com os estados, nós temos  $n$  sistemas. Alguns com maior estruturação, história registrada, com maiores condições de formação de professores e condições financeiras e técnicas, outros ainda precisando de maior investimento em recursos humanos. Não quer dizer que não seja um sistema de ensino, sendo menor do que o do país, seu vizinho do lado, porque não é o tamanho que está em jogo, mas o processo de estruturação da educação e os resultados obtidos com essa educação e o quanto o povo local se sente atendido com esses processos e pode participar em termos de gestão democrática e ser atendido em suas necessidades.

**RBEC:** Flávia, então é possível dizer que a Educação Comparada pela frente tem alguns desafios que tem a ver com a macro análise geopolítica dos sistemas, mas também com a riqueza que tem a micro-análise em espaços muito mais próximos das soluções que o exercício comparativo poderia estar oferecendo? Por exemplo, do ponto de vista do espaço municipal? É

possível pensar esse movimento a dois espaços?

**Flávia Werle:** Macro e micro! Eu acredito que sim, esse é um dos desafios. Entretanto, é preciso se fazer uma crítica, talvez ao que já foi realizado e, a partir dos parâmetros que nós temos agora. Parâmetros que, do meu ponto de vista, ao menos, são questões relacionadas à tecnologia, questões relacionadas ao financiamento de propostas educacionais que possam promover essa visão mais macro. Entretanto, os próprios objetivos do milênio, as discussões acerca da cidadania global, do meio ambiente e da sustentabilidade e da casa comum, os muitos temas novos, que vão surgindo e se impondo, podem contribuir nessa direção de termos uma nova visão a respeito do local e das relações entre o global e o local.

**RBEC:** Muito bom, Flávia! do ponto de vista dos desafios da atuação das sociedades, como as sociedades de pesquisadores, é possível que as sociedades devam pensar em formação de comparatistas? Estou trabalhando nessa ideia, analisando os processos de formação de comparatistas. Estou achando que talvez as sociedades devam pensar em alguma forma de contribuir com estas grandes mudanças. Por exemplo, a discussão das transformações na relação público/privado passam por pesquisas muito abrangentes, que talvez possam ser incentivados desde as sociedades, desde os programas de pós-graduação, porque, agora, pouco falaram que as reconfigurações da esfera privada e pública, depois da pandemia, é um problema muito grande para a gestão daquela categoria que você falou, a gestão dos sistemas. Comparativamente, temos um problema que a comparação podia dar algum tipo de...

**Flávia Werle:** Exatamente! Mas também isso tem muito a ver com a realidade

brasileira, porque não é em todos os países em que há essa dualidade dentro da Educação. Não é em todos os países em que as instituições educacionais privadas são muito visíveis. Depende do país e de onde está situada a própria instituição. Enfim, eu acho que essas são questões que realmente tem muito tema para ser pesquisado. Do meu ponto de vista, ao menos, nós precisaríamos fazer, predominantemente, revisões de literatura. Por exemplo, quem trabalha com História da Educação Comparada, fazer toda uma revisão de literatura, não buscando apenas por termos “Educação Comparada”, mas outra forma de fazer essa pesquisa que não seja apenas designando diretamente a Educação Comparada. Muito de comparativismo existe em estudos acerca de temas específicos. Por exemplo, educação feminina e aí tu podes, talvez, buscar, dentro de toda uma produção científica relacionada à história da educação feminina, alguns elementos que te encaminhem para essa ideia de comparatismo, ali dentro daquele trabalho, embora os/as pesquisadores/as não se autodesignem comparatistas.

Há um trabalho da pesquisadora portuguesa Ana Isabel Madeira, que foi orientanda do António Nóvoa, que segue nesta linha. Madeira (2008) produziu sua tese de Doutorado em História, discutindo a História da Educação Comparada; ela faz uma revisão ampla de estudos do campo. Entretanto teríamos que ter no âmbito brasileiro, nos nossos programas de pós-graduação, talvez linhas de pesquisa dedicadas à Educação Comparada. A Dra. Marta Luz Sisson de Castro, de alguma maneira, já antecipava discussão semelhante, naquele artigo, intitulado “Educação comparada no Brasil: uma análise preliminar”, onde afirma que a Educação Comparada no Brasil “tem sido marcada por duas características culturais” (Castro, 2013, p. 224), quais sejam, a falta de fluência em idiomas estrangeiros e a

inexistência de Programas de Pós-Graduação específicos em Educação Comparada, ao que eu acrescentaria, a falta de recursos financeiros para que acadêmicos interessados em pesquisar a educação, relacionadamente à realidade socioeconômica e histórica de outros países, poderem se afastar de seus locais de residência e trabalho, para fazerem uma estadia em países estrangeiros de forma a realizarem uma imersão em outra cultura e produzirem estudos consistentes de educação comparada.

**RBEC:** Flávia, duas questões para deixá-la super à vontade para responder. Considere duas questões que eu sempre tenho feito para entrevistas. São duas questões finais. As publicações de Educação Comparada no mundo podem ser indutoras de pesquisas comparativas na sua chamada? Por exemplo, podem ser capazes de induzir o exercício comparativo? Essa é uma pergunta. A outra, os Congressos ou encontros internacionais da SBEC podem se converter em indutoras de pesquisa focando nesta questão de objetos de pesquisa e forma de abordagem?

Porque parece que essa é uma expectativa grande que algumas organizações, algumas associações e agora algumas publicações estão fazendo como *modus operandi*. Elas fortalecem sua própria área e induz a solução de problemas a partir de convocatórias de publicações ou de convocatórias de congressos, quando os eixos temáticos são muito mais indutores das pesquisas, das abordagens. Isso é possível pensar.

**Flávia Werle:** Quanto aos eventos, compreendo que, no atual momento histórico, o processo de avaliação que nós temos dentro da área da educação não favorece muito a busca e a participação em eventos, sejam nacionais sejam internacionais. Até porque, é “como se eles valessem pouco ou não tivessem valor”. Entretanto para a constituição da identidade acadêmica dos nossos

estudantes, eu acho muito importante a participação em eventos. Atualmente, como os eventos estão muito dentro daquela linha de híbridos ou apenas pela internet, eles não favorecem a identidade dos estudantes com aquelas temáticas. Ou não apenas com as temáticas propriamente, mas com as próprias associações, porque pertencer a uma associação, nós sabemos o quanto é difícil nos dias de hoje. Os indivíduos mais se mobilizavam pelos eventos do que pela associação. Isso já antes da pandemia. Agora então, muito mais. Nesse momento que nós estamos vivendo, a questão dentro da área da Educação, a questão da valorização de eventos fica como algo mínimo ou inexistente e, portanto, aí eu acho que é muito mais a questão pessoal do orientador para envolver os seus orientandos na vida acadêmica. Entretanto, alguns orientandos, que vem inclusive da Educação Básica, não desejam continuar na vida acadêmica, eles são muito mais da prática, muito mais dos espaços de educação direto junto a sociedade.

Então, eu considero que que sim. Que nós temos muitos desafios, não é? Entretanto os eventos me parecem que, entre nós atualmente, estamos dentro da área promovendo uma desvalorização dos eventos. Inclusive instituições que tinham eventos há longa data, os descontinuaram, terminaram com a proposta de eventos até porque carregam a energia acadêmica dos seus docentes para outras áreas que são bem mais valorizadas dentro da avaliação, no caso da área de Educação. Do meu ponto de vista, a avaliação teria que talvez retornar; embora seja difícil, deveria retornar a valorizar eventos na área de Educação.

**RBEC:** Flávia, na entrevista, nós fazemos um momento de síntese. Se você gostaria de fazê-lo, em termos da sua percepção dessa reflexão que nós estamos suscitando,



você pode fazê-la como uma forma de integrar a sua fala.

**Flávia Werle:** Muito bem, muito obrigada pela lembrança. Então, eu entendo que a Educação Comparada está num momento desafiador, em que é preciso reafirmar a sua importância no atual momento histórico. O momento histórico que nós temos, o protagonismo de diferentes atores que não são só nacionais, mas que são de regiões ou determinado os continentes específicos. Estou lembrando da questão da OCDE, do Mercosul, da União Europeia, enfim, de diferentes organismos que também contribuem em termos de oferecer dados para se promover estudos comparados. Então eu entendo que sim, temos que retomar o que já foi produzido e fazer uma revisão consistente, aprofundada desses estudos, com questões de pesquisa que sejam relevantes e que não considere que todos os comparatistas se identifiquem pessoalmente com a ideia de Educação Comparada. Muitas pessoas, muitos acadêmicos já fazem uma produção dentro de uma área problemática que lhes interessa, fazem uma produção comparando com outros, enfim, com outros países, com os acadêmicos dialogando com autores de diferentes países e essa, vamos dizer assim, internacionalização da Educação Superior, parece-me que ela fomenta o comparatismo.

**RBEC:** Muito bem. Eu considero, Flávia, que você fez algumas reflexões muito fortes do ponto de vista de pensar a Educação Comparada nesse dilema que é o global e o local. Porque descentra as análises e as recolocam ao mesmo tempo de novo. Abre e fecha, para suscitar reflexões muito densas, porque alguns pesquisadores falam que são questões geopolíticas, lógico, sem dúvida, mas, também o local às vezes é fértil e potente em termos de comparabilidade, para poder entender grandes processos. É muito importante também na sua fala porque

isso nos recoloca grandes movimentos que observamos na universidade, na graduação, na pós-graduação, no ensino médio e no ensino fundamental.

**Flávia Werle:** Sim, eu vejo que essa questão do global e o local ela está muito presente, principalmente para quem trabalha políticas educacionais. Os autores Lessard e Carpentier (2016) dizem que nós estamos fazendo agora uma guinada para prática dentro das políticas educacionais, ou seja, nós precisamos enxergar como as políticas educacionais de então chegam, como são implementadas no âmbito das instituições sejam elas escolares ou universitárias. Portanto, essa questão do global e o local ela está sempre presente tanto nas discussões relacionadas à inovação de propostas pedagógicas dentro das escolas, como relacionadas às problemáticas, por exemplo, da educação inclusiva, do fracasso escolar ou da questão da defasagem idade-série. Ademais, como afirma Ulrich Beck no capítulo intitulado “A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva”, a modernização reflexiva “significa a possibilidade de uma (auto)destruição criativa para toda uma era: aquela da sociedade industrial. O ‘sujeito’ dessa destruição criativa não é a revolução, não é a crise, mas a vitória da modernização ocidental” (Beck, 2012, p. 12). Continua o autor, “o dinamismo da sociedade industrial acaba com suas próprias fundações” (Beck, 2012, p. 13). Portanto, nós temos que, de alguma maneira, revisar os conceitos com que vínhamos trabalhando, e atualizá-los em termos de como é que está se fazendo dentro da escola e como é que se dialoga com o global aqui do sul global.

**RBEC:** É isso, Flávia. Eu queria que depois você escrevesse mais, talvez nova pesquisa sua, porque eu fiquei lendo um livro seu, já tem alguns anos, que tratava do papel dos conselhos escolares e eu lembrei que seria

importante uma nova pesquisa sobre isso porque, na pandemia, os conselhos escolares parecia que iam ser implodidos de tanta demanda, de tanto pensar saídas e de tanto resolver problemas urgentes que, assim como nos pegou a pandemia sem computadores e sem conexão de internet, aos alunos muito mais, mas, sobretudo, os conselhos ficaram muito prejudicados, pedindo soluções, porque eles tinham que buscar os alunos e resolver problemas que, em alguma medida, conheciam, mas não conheciam em profundidade, como se manifestou na pandemia. Eu acho que talvez uma nova pesquisa sobre os conselhos de uma nova saída, porque eles estão redimensionados hoje em função de outras demandas, por exemplo, de quanto a pandemia mudou esse cenário.

**Flávia Werle:** Sim e, por outro lado, vejo também inspirada nas leituras da obra de Giddens, Lash e Beck (2012), que essa visão da modernização como algo amplo que modifica as estruturas, é um “fenômeno importante que requer a maior atenção” (Beck, 2012, p. 15), pois impacta toda a sociedade e as diversas formas de estruturá-la. Portanto, impacta a maneira como hoje analisamos as políticas macro e a ação de processos que decorrem do que entendemos ainda hoje por processos delas decorrentes. Os conselhos escolares têm uma relação direta com a gestão democrática a qual foi desejada no Brasil ao longo de

todo o período de ditadura militar, e que conseguiu ser expressa na Constituição Federal de 1988, no inciso VI do Artigo 206º (Brasil, 1988), e reafirmada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, de 1996, no artigo 3º, inciso VIII (Brasil, 1996). Entretanto, as políticas, nem sempre respeitam essa ideia de gestão democrática, que ainda está presente na nossa legislação. Em alguns locais, há grande disputa entre os defensores de processos de democratização do país, com movimentos que desejam eliminar os conselhos escolares.

**RBEC:** Sim, esse foi um movimento importante que a gente precisa entender, e como você disse, num contexto como os conceitos começaram a ser pensados como um espaço para compreender as políticas nacionais de um período que acabaram de passar e as desse outro período novo, de hoje, que são politicamente bem diferentes, mas que tem a ver com democracia e com papel da sociedade dentro da escola, quando a gente fala de inclusão e como uma questão que emerge de alguns governos progressistas e que estavam esquecidas. Isso talvez seja, também, um dos desafios da comparação entre governos, entre gestões. Porque é imprescindível fazer e trazer luz para o futuro que vai acontecer depois.

**Flávia Werle:** Obrigada Luis, um bom dia para ti e até uma próxima.

## Referências

---

Beck, U. (2012). A reinvenção da política. In A. Giddens, U. Beck, & S. Lash, *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna* (pp. 11–71). UNESP.

Berchenko, P. (2002). A política da União Europeia e da Espanha no domínio da educação e cultura na América Latina. In H. Trindade, & J.-M. Blanquer (Eds.), *Os desafios da Educação na América Latina* (pp. 306–325). Editora Vozes.

Brasil (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)

- Brasil (1996). Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm)
- Castro, M. L. S. (2013). Educação Comparada no Brasil: uma análise preliminar da produção acadêmica. *Educação Unisinos*, 17(3), 223–231. <https://doi.org/10.4013/edu.2013.173.3923>
- Castro, M. L. S., & Werle, F. O. C. (2004). Estado do conhecimento em administração da educação: uma análise dos artigos publicados em periódicos nacionais 1982-2000. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 12(45), 1045–1064. <https://doi.org/10.1590/S0104-40362004000400008>
- Giddens, A., Beck, U., & Lash, S. (2012). *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna* (2ª ed.). UNESP.
- Lessard, C., & Carpentier, A. (2016). *Políticas educativas: a aplicação na prática* (S. Matousek, Trad.). Vozes.
- Lourenço Filho, M. B. (2004), Monarcha, C. R. S., & Lourenço Filho, R. (Orgs.). *Educação Comparada* (Coleção Lourenço Filho – Volume 7). INEP.
- Madeira, A. I. C. (2008). Estudos Comparados e História da Educação Colonial: Reflexões teóricas e metodológicas sobre a comparação no espaço da língua portuguesa. *Educação*, 31(2), 103–123. Recuperado de <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/faced/article/view/2763>
- Monarcha, C. R. S., & Lourenço Filho, R. (Orgs.) (2001). *Por Lourenço Filho: uma bibliografia* (Coleção Lourenço Filho – Volume 1). INEP.
- Trindade, H., & Blanquer, J.-M. (Eds.) (2002). *Os desafios da Educação na América Latina*. Editora Vozes.